

## A (IN) VISIBILIDADE DAS *CHOLAS* NA FRONTEIRA DE CORUMBÁ

Andrea Paola Yanguas Xavier (UFMS)

paolayanguasxavier@gmail.com<sup>1</sup>

Lucilene Machado Garcia Arf (UFMS)

lucilene.arf@ufms.br<sup>2</sup>

### RESUMO

Corumbá localizada no Mato Grosso do Sul, fronteira com a Bolívia, existem as mulheres bolivianas que são chamadas de *cholas*, que se vestem com roupas tradicionais dos Quéchuas e Aymaras, que mantêm seus costumes, culturas e vestimentas por mais de 500 anos. As *cholas* estão na cidade de Corumbá trabalhando no comércio e feiras livres. Pretendemos neste trabalho analisar se as *cholas* bolivianas são visíveis ou invisíveis sociais para o Corumbaense. Se ao trabalhar no lado brasileiro, elas são reconhecidas pelos brasileiros, desconhecidas ou são invisibilizadas. Prioriza-se neste estudo, a metodologia de pesquisa relato oral com entrevistas semiabertas e semiestruturadas, revisão bibliográfica e descritiva. Entrevista com funcionários de diversos segmentos comerciais em Corumbá, que trabalham na recepção de clientes, para ver se eles ao verem fotos de *cholas*, sabem o termo que as caracteriza, têm amizades com elas, possuem informação sobre sua cultura e origem. Foram entrevistadas um total de 10 pessoas que trabalham no centro comercial de Corumbá com diversidade de serviços e atendimentos ao público. Os resultados foram que as pessoas que trabalham nos comércios de Corumbá as veem trabalhando na cidade, porém desconhecem sua cultura, origem, e não mantêm relações de amizades.

**PALAVRA-CHAVE:** *Cholas*, fronteira, (in) visibilidade.

### RESUMEN

Corumbá ubicada en Mato Grosso do Sul, frontera con Bolivia, existen mujeres bolivianas que son llamadas *cholas*, que visten ropas tradicionales de los quechuas y aymaras y que han mantenido sus tradiciones culturales y vestimenta desde hace más de 500 años. Las *cholas* se encuentran en la ciudad de Corumbá trabajando en el comercio y mercados al aire libre. Objetivos En este trabajo pretendemos analizar si las *cholas* bolivianas son socialmente visibles o invisibles para los corumbaenses. Cuando trabajan en el lado brasileño del Pantanal, son reconocidos por los brasileños, desconocidos o invisibilizados. En este estudio se prioriza la metodología de investigación de informe oral con entrevistas semiabiertas y semiestruturadas, revisión bibliográfica y descriptiva. Entrevista a empleados de diferentes sectores comerciales de Corumbá, que trabajan en la recepción de clientes, para ver si conocen el término, tienen amistades y tienen información sobre su cultura y origen al ver fotos de *cholas*. Se entrevistó a un total de 10 personas que laboran en el centro comercial Corumbá brindando variedad de servicios y servicios al público. Los resultados fueron que las personas que trabajan en negocios

---

<sup>1</sup> Andrea Paola Yanguas Xavier: Discente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços - Mestrado, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (2023) conclusão prevista em 2024. Possui Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional UNINTER (2019) e graduação em Psicologia pela Universidade Veiga de Almeida (2007). Tem experiência na área de Psicologia cognitivo-comportamental, com ênfase em análise do comportamento. Email: [paolayanguasxavier@gmail.com](mailto:paolayanguasxavier@gmail.com).

<sup>2</sup> Lucilene Machado Garcia Arf: Professora no Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços, Universidade Federal de Mato Grosso do sul. [Lucilene.arf@ufms.br](mailto:Lucilene.arf@ufms.br)

en Corumbá los ven trabajando en la ciudad, pero desconocen su cultura, origen y no mantienen relaciones amistosas.

**PALABRAS CLAVE:** *Cholas*, frontera, (in)visibilidad.

## INTRODUÇÃO

As *cholas* que vivem na fronteira Brasil/ Bolívia são mulheres bolivianas que possuem as mesmas vestimentas desde quando colonizadas em 1780, pelos espanhóis. Além das roupas, elas são marcadas por características étnico-raciais indigenista, que ressaltam a presença de grupos originários na região.

Em Corumbá, Mato Grosso do Sul, fronteira com a Bolívia, as *cholas* podem ser vistas exercendo atividades comerciais no lado brasileiro, nas feiras livres ou comércio próprio. Também podem ser vistas nas ruas da cidade, fazendo comprar, ou realizando ações cotidianas. O que identificam as *cholas* são suas saias rodadas (*polleras*) e duas tranças nos cabelos.

Essa pesquisa é um recorte de um projeto de mestrado que investiga a presença das *cholas* no lado brasileiro, comportamento, cultura, e como são vistas pelos habitantes brasileiros. Para este artigo entrevistamos pessoas que trabalham em Corumbá, perguntando o que elas sabem sobre as *chola*, de onde se originam e têm, ou tiveram, vínculos afetivos e de amizades com essas representantes da boliviana. De forma mais sutil, nosso objetivo foi verificar se elas são invisibilizadas socialmente em Corumbá- MS, mesmo trabalhando diariamente nas feiras e comércios brasileiros.

A pesquisa contou com metodologias desenvolvidas para o relato oral, revisão bibliográfica e dez entrevistas semiabertas com pessoas que trabalham com o público no comércio de Corumbá de diversos segmentos laborais.

Procuramos os setores comerciais de neutralidade quanto a competição comercial de *cholas*, pois como elas vendem produtos de frutas, legumes e roupas. Buscamos comércios que são livres de um mercado competitivo referente a elas, que demonstraria com mais propriedade o resultado da pesquisa.

Os resultados apontaram que os brasileiros compram seus produtos, com a justificativa de preços menores, porém foram poucos os comerciantes que conhecem sobre a cultura *chola*, e a maioria evita manter vínculos mais próximos, apenas demonstram curiosidades em razão das saias rodadas (*polleras*). Apesar dos trajes pitorescos, continuam invisíveis socialmente por serem percebidas pelos brasileiros como mulheres em situação de subemprego. Elas são vistas somente como vendedoras e transeuntes de rua.

## A fronteira

Os Estados brasileiros que fazem fronteira com a Bolívia são Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia e Acre. O município de Corumbá, Mato Grosso do Sul, tem 385,7 km de fronteira com a Bolívia e 52,2 com o Paraguai cuja extensão total é de 537,9 km. E do centro de Porto Quijarro, na Bolívia, até o centro de Corumbá (MS- BR), temos um trajeto de 11,6 km (menos de 20 minutos de carro).

A fronteira segundo Raffestin (1993) é mantida por relações de poder e interações de domínio e submissão, pois nesses espaços existem questões políticas, jurídicas, comerciais e acordos internacionais, para que todos utilizem os mesmos espaços.

É nesse espaço internacional que encontramos as *cholas* bolivianas, que trabalham tanto no território brasileiro (nas lojas e feiras livres) quanto na Bolívia. Ao que se percebe no lado brasileiro pouco se sabe sobre quem são essas mulheres.

### **O racismo na Bolívia**

A sociedade, mesmo antes do nascimento de uma criança, impõe comportamentos para o gênero feminino e masculino, marcados por estereótipos advindos de crenças e valores gerações pós gerações. Mantém uma hierarquização que justifica o homem como ser superior e automaticamente a mulher como inferior e desigual, inclusive uma visão naturalista de que mulher é mais frágil e que um homem é dominador pela força que tem, pela inteligência e capacidade para liderar.

A ideia de gênero e a implementação social do que é ser mulher e o que é ser homem quais os grupos humanos e sentidos do ser feminino e masculino. A construção social são as relações sociais estabelecidas que não é inata ou natural, sendo uma categoria relacional. A história sustenta a desigualdade entre mulheres e homens, através de práticas e comportamentos que o feminino e o masculino apresentam como se fosse algo natural, inata e não aprendido através de valores culturais e sociais.

A promoção, proteção e reparação dos direitos das mulheres manifesta a realidade de desigualdades e violências na plena garantia de direitos femininos. A história de desigualdade entre mulheres e homens retrata a luta por igualdade das mulheres.

Bolivia, con una población indígena que abarca alrededor de 80 de su población total, comparte también esta historia de América Latina de los últimos treinta años, años en los cuales los indígenas vienen luchando por modificar las condiciones de desigualdade, injusticia y discriminacion que los afectan. (PÉREZ-RUIZ, 2000,p.74)

Na Bolívia existe acentuado racismo, desigualdade e discriminação ante às mulheres *cholas*. As mesmas são marginalizadas e sofrem grandes impactos negativos em função de sua

forma de se comportar, como se fosse uma "casta inferior", simplesmente por manter uma cultura centenária e por não possuir os traços fenóticos dos colonizadores. O preconceito e a discriminação contra as *chol*as na Bolívia foram durante muitos anos mantidos pela política nacional, pois era proibido que mulheres de *pollera* (*chol*as) utilizarem alguns serviços públicos, por estarem com suas vestimentas tradicionais.

A pigmentocracia<sup>3</sup> e o etnocentrismo<sup>4</sup> dos colonizadores se mantiveram em um discurso de preconceito, discriminação e estigma no estereótipo cultural da *chol*as bolivianas que vivem na fronteira. O etnocentrismo dos colonizadores, acabou tornando hegemônica a pigmentocracia, quando uma pessoa sofre preconceito por causa da pigmentação próxima aos dos colonizadores.

As mulheres *chol*as indígenas ou mestiças foram as que mais sofreram, por parte dos colonizadores, violências físicas, psicológicas, preconceito e discriminação.

Não é fácil ser mulher no pantanal, muito menos uma mulher estrangeira. Não é fácil ser indígena, e usar roupas que confirmam não ser uma mulher brasileira. Não somente pelos traços da pigmentocracia, mas com as roupas e símbolos que suas tranças e *polleras* revelam.

As *chol*as vivem nos comércios, nas feiras, servindo a população brasileira, porém quase não as encontramos como consumidoras em restaurantes, farmácias, mercados e no comércio corumbaense. Para os brasileiros, independente de formação ou poder aquisitivo, as *chol*as são só mulheres bolivianas que usam roupas nacionais.

Las mujeres son quienes cruzan las fronteras étnicas con mayor facilidad que los varones; estos últimos están rígidamente fijados a categorías tributarias que se expresan en códigos de vestimenta obligatorios, permitiendo distinguir a los “indios” de los “cholos”, los “mestizos” y los “caballeros”, que se veían –de acuerdo con su status social– obligados o eximidos de prestar contribuciones al estado. (RIVERA,,2015, p ,84 )

A partir do que investigamos *chol*as são mulheres invisíveis socialmente e que necessitam de reconhecimento de um protagonismo próprio de sua cultura. Ou seja, cruzamos com elas, compramos seus produtos, mas não sabemos quase nada da sua cultura, A idiosincrasia, manutenção da resistência feminina ou porque usam os trajes bolivianos tradicionais. A percepção brasileira é de que elas são comerciantes, na maioria das vezes em

---

<sup>3</sup> A pigmentocracia ou colorismo: quando o racismo é selecionado através dos tons da pele dos grupos e etnias.

<sup>4</sup>Etnocentrismo:O julgamento é a partir de costumes, crenças morais e leis que divergem do outro. (Podendo ser a partir do olhar do dominador).

situações de vulnerabilidade, como vendedoras nas feiras livres ou possuir pequenos comércios. Elas fazem com que no imaginário social Corumbaense (MS) elas sejam portadores de subempregos, invisíveis, observada como empobrecida e com fragilidades sociais.

Acresce-se a isso a reprodução social institucionalizada no mercado de trabalho formal, marcada pelo rebaixamento do status social, pela humilhação, pela invisibilidade, pela insalubridade, pela baixa remuneração e pela precariedade dos direitos. ( VERGÈS,2019, p.6)

Para Raffestin o poder pode tornar o outro invisível, diante das relações principalmente mercantis que se estabelecem de domínio e poder.

O poder sendo co-extensivo de qualquer relação, torna inútil distinguir um poder político, econômico, cultural, etc. Sendo toda a relação um lugar de poder, isso significa que o poder está ligado muito intimamente na manipulação dos fluxos que atravessam e desligam a relação, a saber a energia e a informação. ( RAFFESTIN, 1993, p.53. )

Por viver em região de fronteira internacional, o outro é o outro e não parece pertencer ao espaço do ' nós'. Essa relação cria entrelinhas sutis e às vezes claras de que o boliviano é uma classe que é diferenciada, pois durante muito tempo quem exercia o poder de compra era o brasileiro que atravessava a fronteira como comprador local e turístico.

As mulheres *cholitas* são estereotipadas também em seu próprio país de origem pelo tom de pele, traços no rosto e também por suas roupas.

Assim a linguagem e a vestimenta junto com a pigmentação da pele e as novas ocupações laborais, se converteram em parâmetros básicos de uma estratificação social que intenta manter separada a república de espanhóis e a república de índios. (GARCIA, 2010, p. 42).

Essas mulheres trabalham em comércio em Corumbá, no Pantanal, principalmente nas feiras livres, o que exige resistência física para montar nas madrugadas as respectivas barracas e vender durante o período da manhã nas feiras, disposição para um trabalho que se inicia cedo, e que depende de energia para se expor ao sol.

As diferenças étnicas, linguísticas e culturais permeiam essa relação de fronteira, influenciando diariamente as relações econômicas, políticas, formais e informais.

### **A invisibilidade social**

O termo de invisibilidade social é quando uma pessoa ou grupo social deixa de ser reconhecida socialmente, por outros e se tornam como ser de invisibilidade. São pessoas sem reconhecimento profissional, social e que são desconsiderados das classes econômicas de poder ou força política.

Muitas vezes a invisibilidade é tão entranhada na sociedade ou grupo social, que ambos, nem o invisível, nem o que o invisibiliza percebem e desconhecem que o outro é não percebida nas

relações cotidianas. Quando o invisível socialmente não é notado, não se sente falta dele, ou percebe sua ausência quando não está.

“Ser invisível significa, por óbvio, não ser visto, mesmo estando presente no ambiente em questão, ser invisível é não fazer parte do todo, mesmo que se queira participar.” (UHLEIN, s/d).

Segundo Giddens (2005, p.234) estratificação social pode ser definida como as desigualdades estruturadas entre diferentes agrupamento de pessoas. Ou seja, é a diferença social entre as pessoas, e que pode identificar a posição que cada um ocupa frente a ela. A desigualdade de gênero pode ser identificada através dos estudos de estratos sociais.

Para Barth (1998) o isolamento geográfico e social não produz diversidade étnica, ao contrário, mobilidade, contato e informação entre os grupos podem ser elementos que fundam sistemas sociais englobantes, baseados em status étnicos dicotomizados. Ou seja, é possível possuir separação, mesmo estado todos em um mesmo ambiente, cada um com sua subjetividade, interesse de relação, porém com diferenciação. O “nós em oposição ao outro”, permeiam as barreiras e distinções culturais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram realizadas entrevista com funcionários do centro comercial de Corumbá, envolvendo as seguintes pessoas que trabalha: de uma papelaria, uma da loja de doces, uma da loja de piscina, uma do açougue, um farmacêutico, dois caixas de lojas de material de construção, uma caixa de supermercado, uma recepcionista de um laboratório de análises clínicas, um recepcionista de restaurante, uma caixa de uma cafeteria. Foram entrevistadas um total de 10 pessoas que trabalham no centro comercial de Corumbá com diversidade de serviços e atendimentos ao público.

Após mostrar as fotos, impressas em papel, das *cholas*, realizamos as seguintes perguntas:

1-Quem são essas mulheres?

Somente uma das entrevistadas sabia, com certeza, que elas eram da Bolívia, pois a avó dela era boliviana e *chola*. Todos os demais não estavam seguros da procedência das mulheres. Duas pessoas disseram que elas eram peruanas, cinco disseram, sem muita certeza, que eram mulheres talvez da Bolívia.

2- Há uma atribuição de um nome para as mulheres que se apresentam com essas roupas?

Somente uma sabia que são chamadas de *chola* (a mesma da avó boliviana e *chola*), os demais entrevistados não sabiam o nome nem o termo *chola*.

3-Onde moram?

Nove responderam que moram na fronteira (percebem a fronteira somente no lado boliviano e não no lado brasileiro). E entendem que a *chola* está somente na fronteira.

4-Em que elas trabalham?

Todos os nove entrevistados responderam comércio e feira.

Termos usados para seus ofícios: vendedora de rua, comerciantes, ambulante.

5-O que sabe sobre elas?

Todos sem exceção diziam não saber nada sobre elas. (Mesmo a entrevistada com avó *chola*, disse não saber quase nada da cultura).

6-Você tem amizade com alguma delas?

Nenhum dos entrevistados têm amizades com uma *chola*. Alguns disseram não ter interesse e outros que elas são muito fechadas para amizades. E outros disseram nunca ter tido interesse em fazer amizades com tais senhoras.

7-Você sabe por que elas se vestem com essas roupas?

Responderam com dúvidas que é a cultura ou tradição. Mas não sabiam nada além dessa resposta.

8- De que lugar de origem você acha que elas são?

Somente a entrevistada com a família boliviana disse La Paz, Potosí e outros lugares da Bolívia.

Os demais disseram não saber, que acham que elas são da fronteira.

E dois deles falaram que são peruanas.

9-O que você já ouviu falar delas?

Somente a respondente com família boliviana disse saber que elas não gostam de banho, são sujas, guardam muitas coisas dentro de suas saias, inclusive dinheiro e são ricas.

Os demais não sabem nada sobre as *cholas* que vivem na fronteira do Pantanal.

O entrevistado do restaurante disse que elas sempre pagam o almoço com dinheiro 'vivo', o que significa que elas têm dinheiro.

10-Essas mulheres visitam sua loja e consomem seus produtos?

Oito dos entrevistados disseram que elas nunca vieram à sua loja (Incluindo o mercado e a farmácia).

Somente a que tem a avó *chola* disse que elas compram doces (para vender) e o entrevistado que trabalha no restaurante disse que elas vão almoçar no estabelecimento.

## **Análise dos dados**

A pesquisa de campo demonstra que as *cholas* que trabalham no lado brasileiro, em Corumbá, no Pantanal, seja em feiras livres ou lojas comerciais, servindo o consumidor brasileiro, não tem visibilidade, partido do conceito.

Os corumbaenses entrevistados desconhecem o nome *Chola*, não possuem amizades com elas, não sabe sua origem boliviana. Para eles, são somente as mulheres que trabalham nas feiras livres e que talvez morem na fronteira. Percebem suas roupas (*polleras*), porém não se relacionam de maneira mais interativa, só mantêm a relação comercial de consumo.

Os entrevistados as veem no comércio, compram seus produtos por serem mais baratos, mas elas são invisibilizadas por serem ‘o outro’, e não são reconhecidas como quem são, sua cultura ou origem. *Um dos entrevistados disse que nunca se interessou em saber nada sobre elas, o que as invisibiliza. Outro mencionou que elas são mulheres são pobres e por isso vendem produtos.*

Somente 2 comerciantes disseram que elas consomem em seus estabelecimentos (os entrevistados do restaurante e da loja de doces, que compram doces para vender), o que nos leva a suposição que as *cholas* fazem suas compras e usufruem de seus lazeres na Bolívia.

Concluimos que as *cholas* são visíveis, pois trabalham no Brasil, reconhecidas na pesquisa como negociantes, comerciantes, vendedoras de rua, ambulantes, comerciante clandestino, mulheres pobres. Somente dois entrevistados as veem como ricas por comprar com dinheiro “vivo”. Mas, as *cholas* são invisíveis quanto sujeito subjetivo e como alguém que o corumbaense gostaria de formar vínculos afetivos e de convivência, pois nenhum dos entrevistados jamais fez amizades com uma *chola*, ou mantém contato de relacionamento constante e profundo. O convívio se resume em comprar produtos mais baratos, mas que se mantêm distanciados. Outros entrevistados disseram “*ninguém se importa com elas.*”

A Invisibilidade social é ser invisível como pessoas como se fosse invisível como se não fosse digna de direitos e algumas populações são portadoras desse não olhar como os indígenas e as *cholas*. Essas mulheres precisam ser vistas como seres protagonistas, dignas, as pessoas não as cumprimentam, não sabem os nomes ou se interessam por sua cultura e memórias coletivas. São considerados como inferiores, como trabalhadoras que trazem

mercadorias com melhor valor para o Brasil, porém o corumbaense não faz questão de se aproximar ou iniciar um vínculo afetivo e próximo.

## REFERÊNCIA

ANZALDÚA, Glória. **Bordelands/Fronteras: la nueva mestiza**. Trad. Carmen Valle . Colección Ensayo. Madrid: Capitán Swing Libros, S.L. 2016. [https://enriquedussel.com/txt/Textos\\_200\\_Obras/Giro\\_descolonizador/Frontera-Gloria\\_Anzaldua.pdf](https://enriquedussel.com/txt/Textos_200_Obras/Giro_descolonizador/Frontera-Gloria_Anzaldua.pdf)

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. Teorias da etnicidade. São Paulo: Unesp, 1998

GARCIA. H. R. **Género, Mestizaje Y estereotipos culturales: El caso de las cholas bolivianas**. Universidad Mayor San Simón, Cochabamba, Bolivia, 2010.

GIDDENS, A. **Sociologia** (S. R. Netz, Trans. 4. ed. v. 4). Porto Alegre: Artmed, 2005.

PÉREZ-RUIZ, M.L. **Nacido indio, siempre indio. Discriminación y racismo en Bolivia**. DEAS-INAH, 2000. p.73-87.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática: 1993.

RIVERA, Silvia Cusicanqui. **Sociología de la imagen: ensayos**. 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

UHLEIN, T. Invisibilidades Social e a Questão da Criminalidade entre os Jovens Brasileiros. P. 24, s/d. Disponível em: <http://conselheiros6.nute.ufsc.br/ebook/medias/pdf/Invisibilidade%20social%20e%20a%20quest%C3%A3o%20da%20criminalidade%20entre%20os%20jovens.pdf>, Acesso em: 22. Agosto. 2015.

VERGÈS.FRANÇOISE. **Um Feminismo Decolonial**. 2019. França . Editora EBU.

## ANEXOS

**Anexo 1)** Após **mostrar** a seguinte imagens de fotografia, foram realizadas as perguntas semiabertas ( listadas abaixo):



**Anexo 2).** Após mostrar a foto do anexo 1, foram realizadas as seguintes perguntas semiabertas:

1. Quem são essas mulheres?
2. Elas têm um nome para usarem essas roupas?
3. Onde moram?

Em que elas trabalham?

4. O que sabe sobre elas?
5. Você tem amizade com alguma delas?
6. Você sabe porquê e se vestem com essas roupas?
7. De que lugar você acha que elas são (origem)?
8. O que você já ouviu falar delas?
9. Elas visitam sua loja e consomem seus produtos?

**Anexo 3) Transcrição das entrevistas: loja comercial, sexo feminino ou masculino, idade.**

**Pessoa 1) Papelaria no centro de Corumbá- Homem Corumbaense de 31 anos**

*“Elas são da feira, e moram no convento, não sei quem são, nem de onde são, são vendedores do Peru ou de outro país, tem uma que mora aqui perto, não sei porque usam essa roupa, não sei o nome delas. ”*

**Pessoa 2) Proprietária- Loja de doces- mulher de 63 anos, nível superior- avó Boliviana**

*“Já vi muitas dessas mulheres, são bolivianas, elas escondem coisas na saia e dinheiro, não tomam banho, não são cheirosas, elas vêm e compram doces para vender, bala, chiclete, doce e nunca vem com crianças, elas são índias, são do campo da Bolívia, elas trabalham incansavelmente, não tem preguiça e dizem que são milionárias, minha avó é da Bolívia, e veio*

*morar no Brasil por Cárceres, minha avó era boliviana dos altos da Bolívia (chola), de índios, elas são invisíveis para a cultura delas na Bolívia e cabeça de certas pessoas, elas tem influência grande para trazer o comércio para cá, eu acho que elas levam dinheiro daqui para lá. Elas são reconhecidas na feira.”*

**Pessoa 3) Loja de material de construção grande - Mulher de Corumbá com 51 anos**

*“Elas vendem alho e coisas na rua, elas são daqui daqui da Bolívia, eu não sei sobre elas, elas vendem e oferecem as coisas. Não sei de onde da Bolívia elas são, nunca perguntei. No aeroporto elas vendem alho, não tenho amizade com elas, não sei porque se vestem assim. Ela nunca veio na loja (material de construção). As pessoas tratam elas de longe de como elas se vestem, elas são tipo ciganas, elas são ressabiadas, no Peru elas se vestem assim. Elas fazem esses tecidos e tecem, elas. Não sei mais nada.”*

**Pessoa 4) Loja de material de construção -mulher corumbaense 61 anos**

*“Eu nunca vi essas mulheres vestidas assim, não sei de onde são, eu ando de carro e moto e não vejo nada. Não sei, não tenho como responder e inventar o que eu nunca vi. Sou nascida e criada no Bairro Dom Bosco ( Corumbá), sei tudo de lá e essas mulheres das fotos eu nunca vi.”*

**Pessoa 5) Acougue caixa- mulher de 41 anos**

*“Elas são da Bolívia, de Santa Cruz,vi um documentário, não sei porque elas andam assim, deve ser tradição. Nunca fiz amizades com elas, tem uma senhora que vem aqui, só uma senhora vem aqui, nunca veio outra, elas usam essa roupa pelo costume. Não tem nome para se vestir assim.”*

**Pessoa 6) Mercado grande- caixa — 21 anos**

*“Já vi elas no centro, elas nunca vieram no caixa ( Mercado grande), são da Bolívia, elas trabalham como vendedora anônima, elas usam essas roupas, eles não vem fazer compra, eles vieram do fundo da Bolívia, vendem produtos e são da fronteira e nasceram ali, nunca tive amigas assim, não sei se elas tem um nome. Elas são visíveis por usarem essas roupas, mas não sei nada sobre elas.”*

**Pessoa 7) Laboratorio de analises clinicas (grande)- mulher 33 anos**

*“Elas são vendedoras ambulantes, elas não são bolivianas são de outros lugares, não sei o nome de usar essas roupas, elas devem usar assim por causa da cultura. Elas são da fronteira. Elas não vêm ao laboratório fazer exames, eu trabalho aqui há 6 anos”.*

**Pessoa 8) Restaurante recepcionista- o maior restaurante de Corumbá- homem 35 anos (não é nascido em Corumbá.)**

*“Elas vêm almoçar, são bolivianas que moram na fronteira, elas têm comércio, e elas são invisíveis, aos olhos dos bolivianos elas são invisíveis, menores. Aqui no Brasil são visíveis, porque tem dinheiro, pagam tudo com dinheiro vivo, e elas vem com certa frequência comer.”*

**Pessoa 9) caixa da maior cafeteria de Corumbá- mulher 35 anos**

*“Elas não vem aqui, eu nunca vi, não sei onde moram, deve ser na fronteira, elas são do comércio clandestino, não sei nada sobre elas, não tenho amizade com elas, não sei de onde são, pois elas não vem aqui, elas são visíveis porque usam esses trajés e porque vendem mais barato.”*

**Pessoa 10) homem farmacêutico de 41 anos- do RJ e mora há 8 anos e Corumbá**

*“Elas são bolivianas ou peruanas, fazer artesanato, e vendem gilete, pasta de dente, eletrônicos, elas não vêm na farmácia. Não são da Bolívia. São visíveis pois está na rua vendendo, mas não sei o nome. O ser humano não se interessa pelo outro, pelo que é diferente. Ela não é invisível, mas as pessoas as veem só como alguém trabalhando, ninguém se importa com elas e ninguém quer ser amigo delas. ”*